

Fernanda C. Teixeira Maia

PARA ONDE VÃO AS CHAVES PERDIDAS?

Reflexões sobre códigos e imagens gráficas.

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2009



Fernanda C. Teixeira Maia

PARA ONDE VÃO AS CHAVES PERDIDAS?
Reflexões sobre códigos e imagens gráficas.

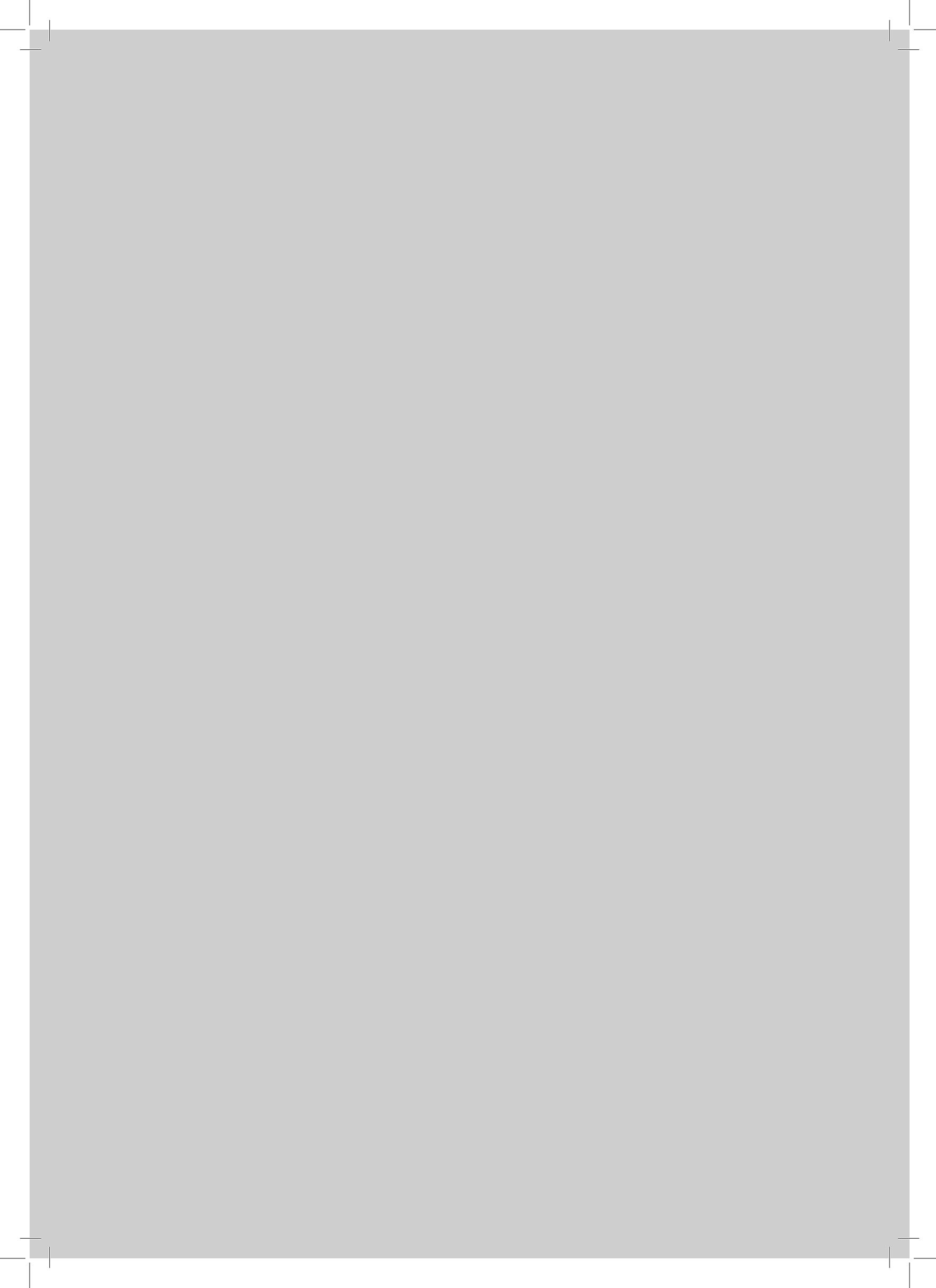
Monografia apresentada ao Departamento de Artes Gráficas da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Gráficas.

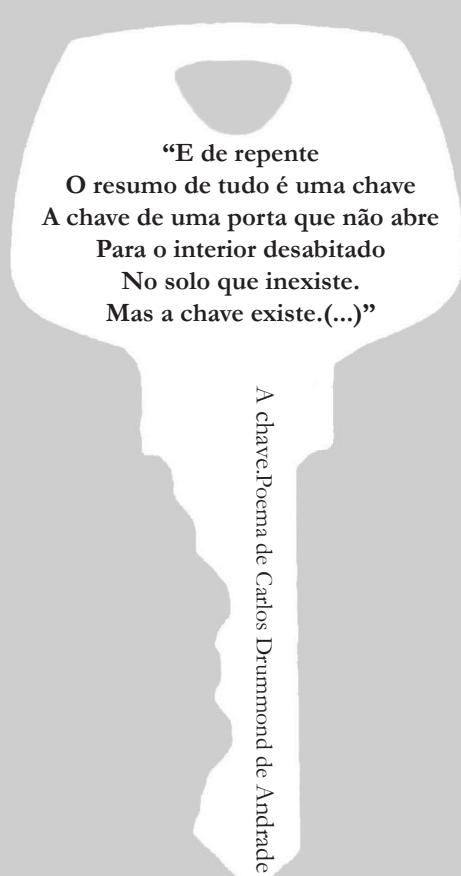
Orientador: Vlad Eugén Poenaru.

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores:
Conceição Bicalho,
Elisa Campos,
Fernanda Goulart,
Jalver Bethônico,
Marcelo Drummond e
Vlad Eugén Poenaru
e a todas as pessoas que de
alguma maneira também
contribuiram com suas
“chaves”.





“E de repente
O resumo de tudo é uma chave
A chave de uma porta que não abre
Para o interior desabitado
No solo que inexiste.
Mas a chave existe.(...)”

A chave.Poema de Carlos Drummond de Andrade

RESUMEN

AO ABRIR

p.10

10 PORTAL

1.1 A chave da chave

1.2 Portas, gavetas e cofres

p.16
p.18

2 O SEGREDO DA FECHADURA

2.1 Entre chaves e cadeados

2.2. Uma chave encontrada

p.22
p.24

3 AS CHAVES DO SEGREDO

3.1. Uma chave é uma chave

p.28

AO FECHAR

p.33

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

p.34

AO ABRIR

O que é chave? Um objeto, uma palavra, uma imagem? Um segredo ou uma senha? Objeto-chave ou chave do objeto? Palavra-chave ou chave da palavra? Imagem da chave ou chave da imagem? O segredo da chave ou a chave do segredo? Acesso a senha ou a senha de acesso? Seja objeto, palavra, imagem, segredo ou senha, tudo isto é código. Então chave, nesta pesquisa, é um código. Mas, uma vez que chave implica sempre uma dualidade: abre e fecha, dá e retira, acha e esconde, guarda e revela, liga e desliga, ela também codifica e decodifica. Sendo assim, chave, aqui, é um código e um decodificador.

Esta monografia se insere no campo das artes gráficas, apropriando-se das chaves, para “abrir” (revelar) os códigos próprios das imagens gráficas- signos, símbolos, módulos, cópias- e refletir sobre como a comunicação se estabelece através destas imagens codificadas. *Códigos são sistemas universais de sinais simples ou complexos, organizados e convencionados de tal modo que possibilitem a construção e transmissão de mensagens.*¹ Ou seja, servem para ordenar um percurso.

O conjunto de trabalhos práticos desenvolvidos apresentam a chave explorando o seu universo como sendo a própria imagem codificada e como sendo a possibilidade de se decodificar esta imagem. Os trabalhos exploram aspectos técnicos de elaboração de imagens gráficas: modulação, repetição, alternância, etc., e tentam despertar no observador os aspectos subentendidos destas imagens. Como por exemplo, que imagens podem ser elaboradas, composicionalmente, de maneira a direcionar a leitura de determinada mensagem.

A escolha da chave para servir de propósito para uma pesquisa em artes gráficas con-

¹ HOUAISS, Dicionário Eletrônico Houaiss, 2007



siderou vários fatores atribuídos às chaves e relacionou-os com características de imagens gráficas. Um desses fatores é a importância que uma chave exerce em todas as sociedades, seja como utilitário ou como símbolo e a importância que um código exerce para estabelecer uma comunicação visual. Assim relacionamos chave a códigos, baseando-se no fato de ambos serem universais. A relação de uma chave com imagens gráficas deve-se à analogia do princípio de reproduzibilidade em grande escala. É possível produzir inúmeras cópias de uma chave tanto quanto de uma imagem gráfica.

Outros fatores que justificam a escolha da chave propriamente como objeto devem-se a associação da definição de chave pelo dicionário Houaiss, no que diz : *Chave: utensílio de ferro ou outro metal que se introduz na fechadura à qual pertence para movimentar a lingüeta, e que possibilita abrir ou cerrar portas*², com a afirmação de Vilém Flusser sobre objetos manufaturados: *Todo objeto manufaturado, por suas vez, tem como meta transformar as relações do usuário com seu entorno de modo a tirar dele algum proveito*³. Ao estabelecermos esta associação nos permitimos apropriar-se da chave objeto, como presença no trabalho prático, pois, de acordo com a afirmação de Flusser, consideramos que, mesmo, o objeto chave pode transpor ao observador algum sentido proposto, no caso desta pesquisa, o sentido de indagar sobre códigos de comunicação visual.

As definições metafóricas da chave conduziram-nos a escolha da chave como palavra. Pois a palavra chave significa, também, a possibilidade de acesso à compreensão e à elucidação de alguma coisa. Nomeia a orientação na decifração de problemas de palavras cruzadas, de charadas. Nomeia um elemento indispensável para a eficiência de um sistema ou de uma teoria e também, porque palavras são consideradas códigos de escrita. E ainda, como palavra, porém num sentido estendido, chave denomina outras coisas. Por exemplo, os instrumentos ou ferramentas capazes de apertar, afrouxar, fixar, acionar, regular um mecanismo dotado de parafusos, porcas, molas. Instrumento para dar corda em relógios ou o sinal gráfico ({} que indica a reunião de itens relacionados entre si formando um grupo. Um ponto estratégico ou uma senha para acesso a um sistema ou dado restrito também podem ser entendidos como chave.

A escolha de chave então, por todos estes motivos, é pretexto para a abertura de co-

2 ibidem

3 FLUSSER, Vilém apud CARDOSO, Rafael.2007 p.12

nhecimento.

Ao mencionar a chave não se pode deixar de lado o universo que a rodeia: fechadura, cadeado, dobradiças, portas, portais, muros, casas, móveis, cofres. Estas entidades estabelecem entre si um circuito, diremos, até vital, no sentido de sua intrínseca interdependência para a funcionalidade integral do sistema. Para cada porta há uma fechadura e para cada fechadura há uma chave e para cada chave há um segredo. Segundo a explicação dos chaveiros sobre o processo de gravação do segredo, este é originado pela fechadura e a partir daí, as chaves podem abrir ou fechar as portas.

De acordo com a relação deste circuito, para a estruturação desta pesquisa, diremos que uma imagem possui um código, ou vários, e este código define algum significado ou mais, que possibilita a compreensão de uma mensagem. Então dividiremos os assuntos em três capítulos.

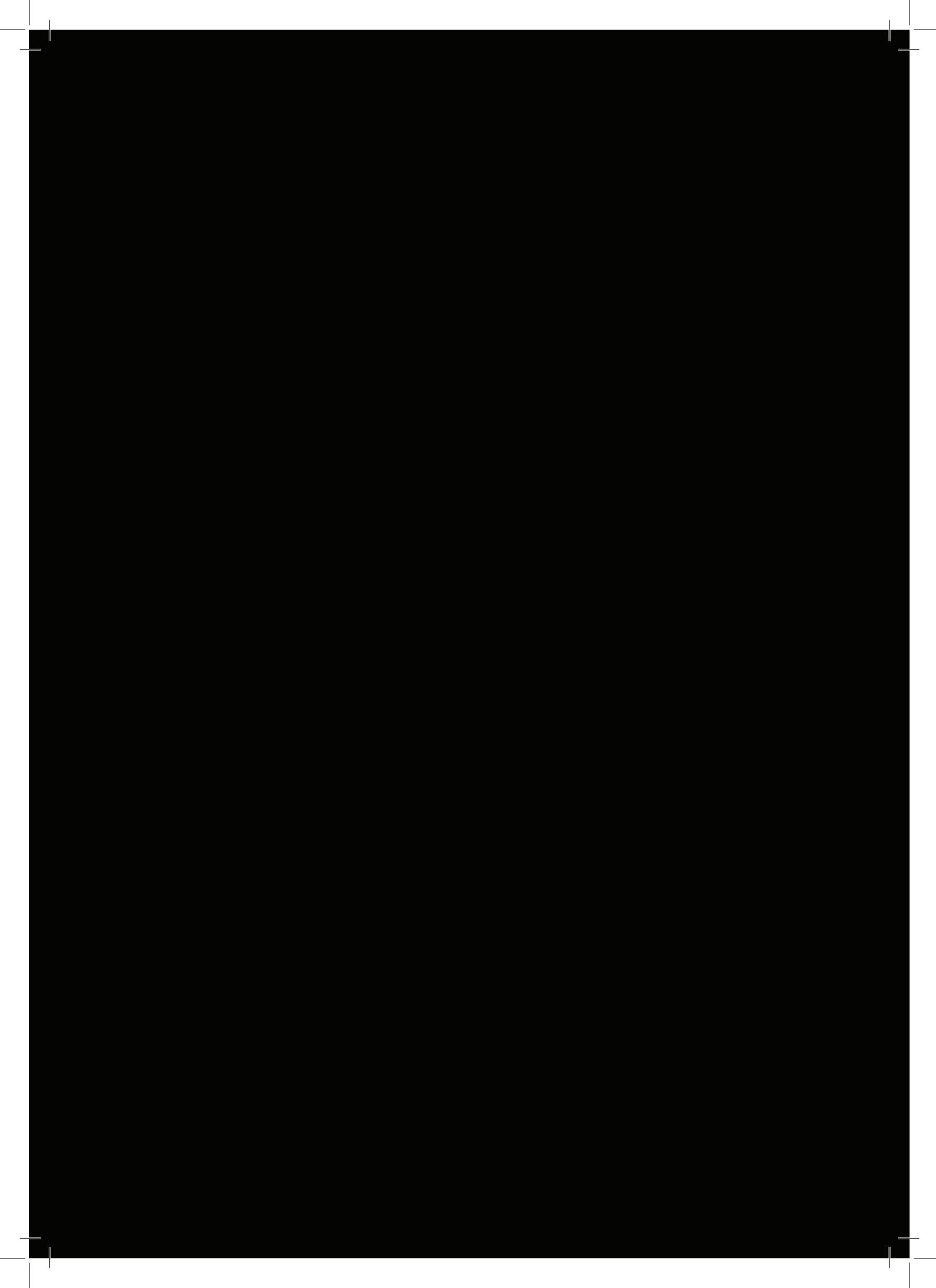
O primeiro capítulo realiza um pequeno percurso sobre o que seria uma imagem codificada e inicia discorrendo sobre a imagem da chave e sobre imagens pictóricas ou gráficas. Para esta abordagem utilizou-se a imagem do portal pois, de acordo com o seu conceito original, este serve de passagem, de acesso para algum lugar ou pelo contrário serve para limitar, impedir esse acesso. Pela mesma maneira uma imagem será interpretada, como algo que permite localizar lugares e realidades, entretanto somente se a imagem não estiver “fechada”, codificada. Uma imagem codificada seria aqui entendida como uma imagem não compreensível para todos espectadores já que depende de algum “instrumento”, e ou conhecimento, para atravessá-la e decodificá-la.

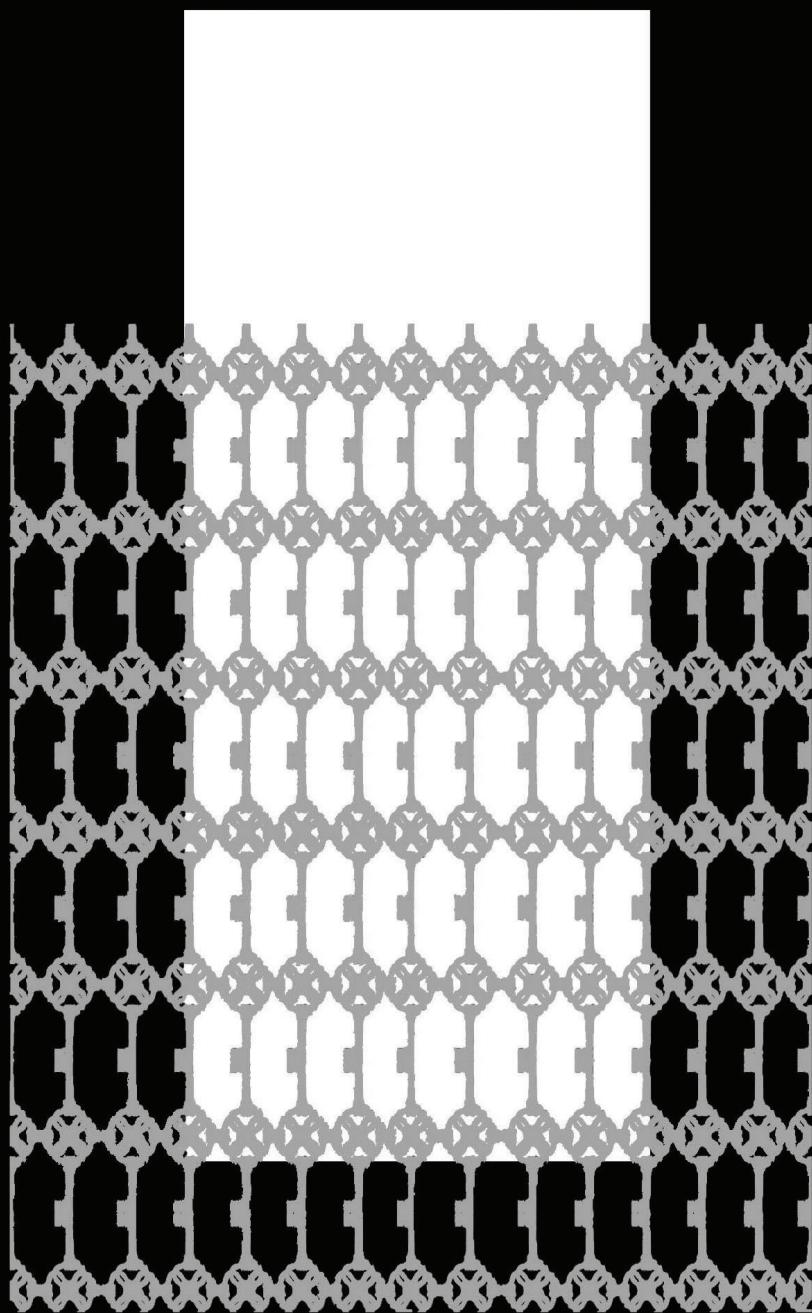
No segundo capítulo apresentaremos alguns códigos, próprios, do campo das imagens gráficas e neste momento associaremos a fechadura com estes códigos. Lembrando, que as fechaduras contêm um segredo, diremos que este segredo é um código. Para se acionar o mecanismo de abertura, desvendar o segredo, entendimento-compreensão, o tal código, torna-se necessário a “chave” certa. Como a chave certa, possui o segredo da fechadura certa, ela decifra o código, “abre a imagem”. Mais uma vez de acordo com a definição do Houaiss *a chave é também conhecimento das convenções de um código secreto que permite decodificar (ou codificar) mensagens*⁴.

4 ibidem

No terceiro capítulo discorremos sobre matriz e cópia. A chave como já dito é código e agora é também matriz. Os códigos, sendo matrizes, serão reproduzidos e repassados, no sentido de comunicar algo. Ocorre, assim, a associação da chave com mensagens codificadas, pois chaves são produzidas, inicialmente, como uma matriz e uma mensagem codificada também é originada por uma matriz. Seja uma matriz cultural, regional ou universal. E como o objetivo de imagens é estabelecer uma comunicação visual, depois de codificadas elas devem ser repassadas para transmitir a mesma mensagem para muitas pessoas.

Novamente forma-se um circuito: imagem-código-mensagem, onde a imagem seria constituída por determinadas “matrizes culturais”, que poderiam ser impostas por um sistema político, religioso ou uma convenção arbitrária, com suas normas e conceitos visuais, estabelecendo a comunicação dentro de um determinado grupo social. O código pode tornar-se universal, quando é utilizado amplamente pela sociedade. Entretanto a mensagem, em cada região ou comunidade, terá sua própria interpretação (decodificação) de acordo com suas referências culturais específicas. A existência da imagem depende de um complexo sistema, no qual se inserem, costumes, crenças, hábitos e só através do conhecimento desses pode ser entendida.





1. O PORTAL

À porta quem virá bater?
Em uma porta aberta se entra
Uma porta fechada um antro
O mundo bate do outro lado de minha porta.

Pierre Albert-Birot,
Lês amusements naturels, p.217

1.1 A chave da chave

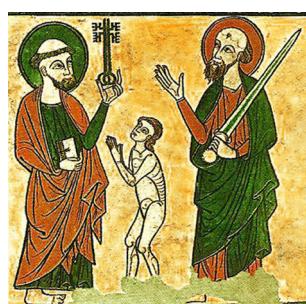


Fig.1 4Tosas(Gernona)p.70
Museu de arte da Catalunhã

A chave é um instrumento com ricos valores simbólicos utilizado em todos os tempos da cultura humana e que sobrevive até hoje. Tornou-se presente e necessária na história de todas as sociedades, não apenas pelas suas funções de abrir e fechar, guardar ou por segurança, mas, também, porque é um símbolo representante de conceitos importantes em cada cultura. Na iconografia cristã encontramos a chave por exemplo na cena da *donatio clavis* (transmissão da chave) em que foi determinando, a Pedro, ser o apóstolo escolhido para liderar os propagadores da fé cristã pelo mundo e para esta missão ele recebeu as chaves do reino dos céus: a *chave abre as portas do paraíso*. No Japão a chave é símbolo de prosperidade, abre o celeiro do arroz, produto cuja importância nesta cultura é inegável. A chave atribui poder a quem a possui fig.(1) Simboliza o chefe, o senhor, o iniciador, o que detém o poder de decisão e a responsabilidade. Chave

é considerada um símbolo fálico, representa o masculino quando associada à fechadura, esta representa o feminino. No plano esotérico, possuir a chave significa ter sido iniciado; indica a entrada num lugar, cidade, morada espiritual. Nos contos, a chave, simboliza o enigma a resolver, as etapas que conduzem à iluminação e à descoberta.

Mas não é apenas no sentido simbólico e ou material e utilitário que percebemos a importância da chave em todas as sociedades. Também se verifica esta importância no conceito interiorizado, concebido intuitivamente, que se aplicam às múltiplas situações da vida cotidiana. Tal conceito está presente em muitas expressões lingüísticas: “*fechar a sete chaves*”: guardar de modo muito seguro; “*passar a chave em*”: prender, encarcerar; “*fechou com chave de ouro*”: encerrou muito bem. Existem ainda expressões que não teriam como serem ditas de outra maneira: a *chave da felicidade, a chave da sabedoria*, são exemplos onde o sentido metafórico da palavra chave lhes conferem maior potência. A palavra chave também está presente no vocabulário denominando objetos e ferramentas: chave allen, c. analítica, c. bifásica, c. bipolar, c. canelada, c. da mão, c. de abóbada, c. de boca, c. de cano, c. de corrente, c. de estria, c. de fenda, c. de onda, c. de roda, c. falsa, c. inglesa, c. mestra, que algumas vezes só fazem sentido em determinadas regiões, como por exemplo: em Portugal o chifre de boi utilizado para carregar azeite é denominado chave. A chave é rodeada de mistérios e por isso desperta a curiosidade e estimula a investigação. Uma chave encontrada induz a pensar de onde seria, o que abriria, pois chaves escondem tesouros como vemos no conto “*Ali Babá e os 40 ladrões*”:

Ali Babá esconde-se no alto de uma árvore ao perceber a aproximação de um bando de ladrões, montados a cavalo. Perto da árvore, diante de uma grande pedra junto à montanha, o bando pára e o chefe dos ladrões pronuncia a célebre frase: “Abre-te sésamo” e a grande pedra se move, revelando uma caverna. Os ladrões entram com os cavalos carregados e depois de algum tempo saem da caverna sem as cargas, quando o chefe do bando pronuncia “Fecho-te sésamo” e a grande pedra volta a fechar a caverna. Algum tempo depois dos ladrões partirem, Ali Babá aproxima-se da pedra e pronuncia a mesma frase: “Abre-te sésamo”. E a pedra se move revelando um grande tesouro...⁵

A locução “abre-te sésamo” é uma senha de voz que permite a entrada à outro lugar, assim uma senha é também uma chave. No mundo tecnológico de hoje, utilizamos senhas a todo

⁵ Extraído do site www.drwhitehat.wordpress.com

instante. Ao acessarmos um sistema é necessário informar uma identificação, seja o nome de usuário ou o número do cartão para identificar de quem se trata. Para que esse sistema tenha certeza que você realmente é quem deve ser, torna-se necessário uma autenticação. A autenticação pode ser *comprovada por* algo que só você sabe, a sua senha, a sua frase de segurança ou uma característica que só você tem a impressão digital, o padrão da retina, o padrão de voz e outras características biométricas. Todos esses fatores podem ser chamados de chaves. Representam à substituição da chave objeto pela chave digital.

Além das características funcionais e metafóricas, a chave como objeto possui uma plasticidade estrutural muito variada: em formatos, tamanhos, cores, o que algumas vezes a torna objeto de coleção ou enfeite. Algumas são adornadas, detalhadas, outras são retas simples. Por estas características é possível relacionar a chave até com a personalidade do dono e ou com a condição sócio-econômica à que ele pertence, afinal uma chave muito decorada pode representar nobreza, poder. Assim a chave é também carregada de um forte potencial imagético.

1.2 Portas, gavetas e cofres.

Um portal é o elo de comunicação entre espaços delimitados. É a abertura que permite a passagem ou impede-a para um outro lugar. Lugar este, que é um mundo novo, algumas vezes reconhecível, outras vezes desconhecido, mas que ao entrarmos nele sempre haverá algo a explorar. Mesmo quando este lugar está fechado, podemos explorá-lo, em nossa imaginação, pois ele nos desperta a curiosidade. Assim, também, acontece quando nos deparamos com uma imagem. Entende-se por imagem neste momento, tudo o que pode ser visto ou imaginado. Então seja um objeto natural, um objeto fabricado, uma imagem do objeto, uma imagem da palavra escrita ou falada, uma imagem pictórica ou gráfica construída para representação de ideias, quando nos deparamos com uma dessas imagens elas nos comunicam algo, através de códigos e assim servem de passagem para acessarmos outros lugares. Porém, algumas vezes, agora referindo-se apenas à imagens pictóricas e ou gráficas, o acesso ao outro lugar pode estar restrito

somente para quem tem a “chave”. Isso quer dizer que algumas imagens são construídas com símbolos ou códigos, que requerem conhecimento prévio, para se compreender a que lugar nos querem levar. Estes símbolos ou códigos podem ser: alguma figura, alguma forma, alguma cor, alguma escrita ou alguma maneira, regra, de se produzir cada imagem. Todos os símbolos ou códigos possuem um significado implícito e variável conforme a localidade cultural em que são vistos e mesmo conforme as diferenças na maneira de apresentação das imagens pictóricas e gráficas.

Imagens pictóricas e imagens gráficas possuem características visuais muito diferentes. Imagens pictóricas são vistas mais lentamente, aos poucos, pois algumas possuem narrativas fabulosas, ou símbolos fig.(2), ou muitas misturas de cores e tons ou variações de luzes. Porém existem imagens pictóricas no limiar das imagens gráficas, as pinturas de Mondrian, fig.(3) são um exemplo disso. Imagens gráficas são para visualização rápida, imediata, como a afirmação de Donis A. Dondis “sua natureza básica se define por sua combinação do verbal e do visual, numa tentativa direta de transmitir informações”⁶, possuem formas bem definidas, símbolos estilizados e cores “chapadas”. Podem ser construídas com códigos decodificáveis por sistemas digitais: códigos alfanuméricos, de cores, de formas, de sinais. Por exemplo, em uma imagem gráfica uma cor é reconhecida pelo número que a identifica: laranja ee953 ou fa870b.

Fig.2 Santonello da Messina p.99

O código secreto David Hockeney.

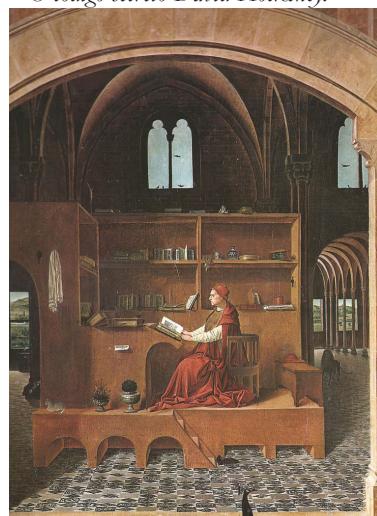
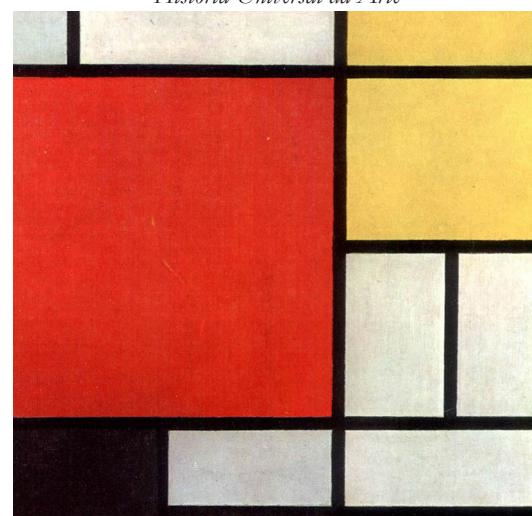
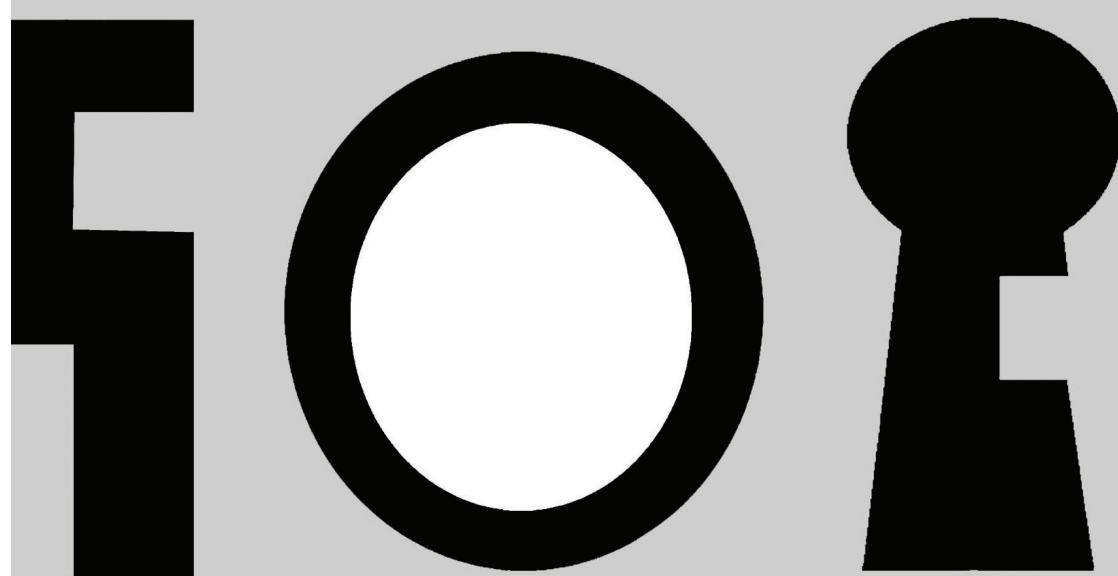


Fig.3 Piet Mondrian p.213

História Universal da Arte



18



2. O SEGREDO DAS FECHADURAS

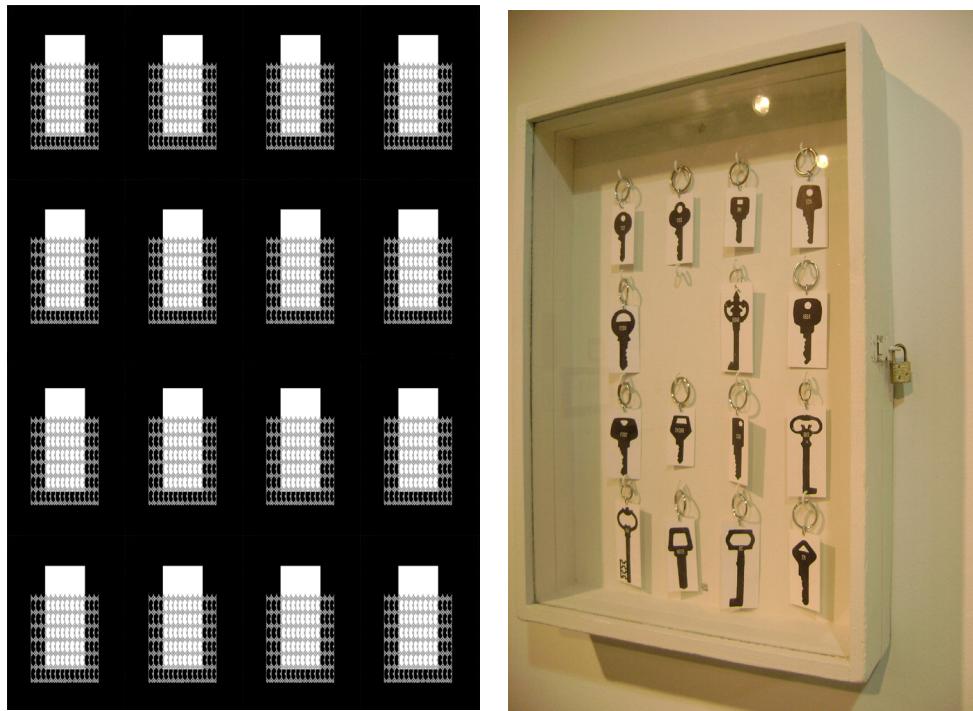
“Cavilha que atravessa a parte superior do fuso do lagar, prendendo-lhe o peso pelo veio”.

Uma das definições de chave do dicionário Aurélio

2.1 Entre chaves e cadeados

Uma fechadura consiste num dispositivo para permitir trancar o que se quer guardar, prender, manter seguro. Caracteriza-se mais por um fechamento do que por uma abertura. Uma fechadura é rodeada de mistérios tanto quanto uma chave e também desperta a curiosidade pelo saber. Pois algumas permitem espiar o outro lado. O mistério da fechadura é o seu segredo. O segredo de uma fechadura é o conjunto de dispositivos que a protegem para que não seja arrombada nem aberta com uma chave falsa. A fechadura é que origina o segredo da chave. Desvendado o segredo da fechadura é possível se fazer cópias dele através da chave. O segredo das fechaduras aqui representa uma metáfora em relação aos códigos. Códigos são considerados sistemas. E sistemas segundo o Houaiss *foram desenvolvidos para condensar a informação, de tal modo que ela possa ser registrada e comunicada ao grande público*⁷. Por isso, aqui associamos os códigos aos segredos das fechaduras por conterem uma informação ocultada que depende de ser decodificada por outro sistema para que possa ser lida e assim reproduzida para outras pessoas.

7 ibidem



Há imagens que precisam ser codificadas para serem reconhecidas ou armazenadas por máquinas ou meios eletrônicos. Cada sistema eletrônico lê o código de acordo com sua matriz programada ou sistema operacional, ou seja um código pode ser uma figura que a máquina precisa reconhecer ao confrontá-la com a matriz programada que a assimilou anteriormente. Aqui o processo de reconhecimento do código pelo ser humano é comparado ao da máquina, ocorre da mesma forma, portanto o indivíduo, receptor de imagens, também é considerado um sistema. Portanto, para cada sistema há um código adequado, que será entendido somente se houver compatibilidade entre um e outro.

Em todos os trabalhos elaborados a imagem da chave é código e reveladora de códigos. Ou seja, a imagem da chave necessita de outra chave para ser aberta. A chave como código é a barreira para impedir a visualização de uma suposta imagem secreta. Como decodificadora, a imagem da chave apresenta os códigos componentes de imagens gráficas. Mostrando por exemplo: a retícula, o pixel, a seqüência binária, etc. Assim um dos trabalhos práticos guarda chaves numeradas em um clavículário. Estas chaves abririam as grades das respectivas portas para permitir a entrada. Ou seja, seriam decodificadoras das imagens codificadas ,de respectivos números.

2.2 Uma chave encontrada

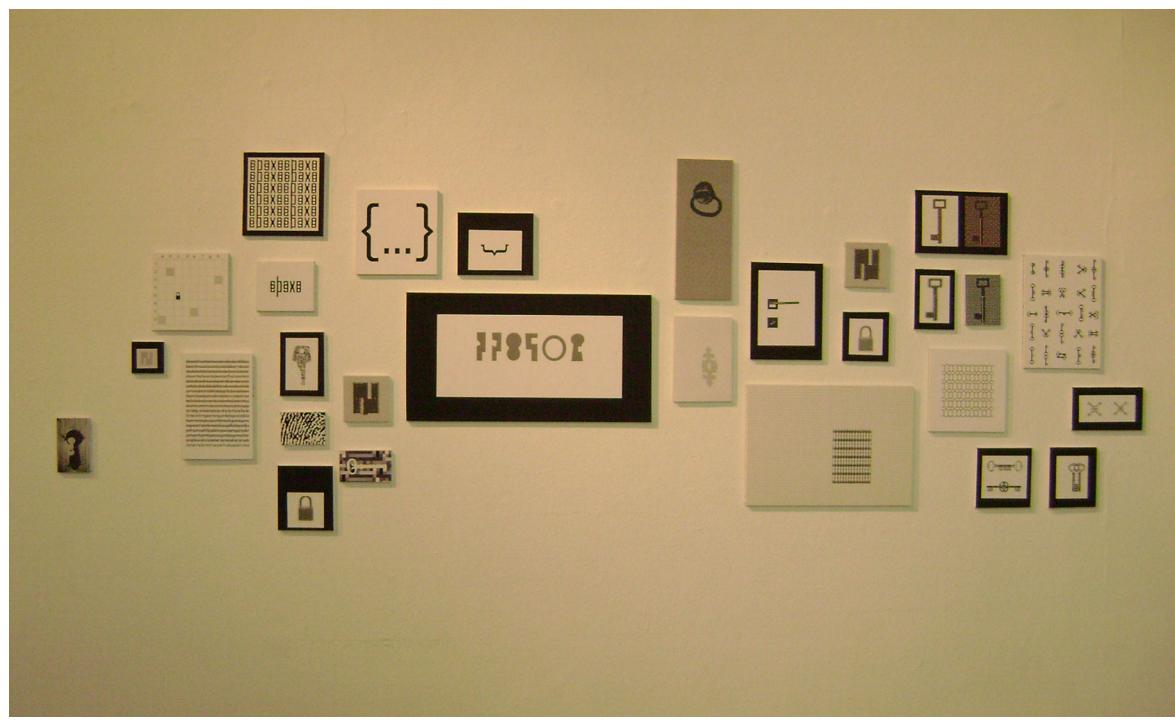
Imagens pictóricas ou gráficas para comunicarem algo seguem princípios técnicos visuais. Ou seja, existem recursos composicionais pré-estabelecidos que, utilizados na imagem, podem direcionar a intenção da mensagem. Os princípios técnicos seriam o ponto, a linha, a forma, a direção, a cor, a textura, a dimensão, o contraste. Estes associados ou não exercem influência nas características visuais da mensagem que se quer passar. Por exemplo, a simetria consiste em uma forma repetida, que gera um conjunto de formas complexas; as texturas podem ser produzidas por pontos, linhas, traços, superpostos e uniformes, podem fazer a diferenciação de superfícies; os contrastes podem ser cromáticos ou negativo e positivo, geométrico e orgânico, simples e complexos, grande e pequeno, regulares e irregulares, vazios e cheios, estreito e largo, continuo e interrompido, vertical e horizontal, forma simples e forma decorada e mais outros tantos. Nesta pesquisa estes princípios são considerados códigos e são utilizados para elaboração dos trabalhos impressos.

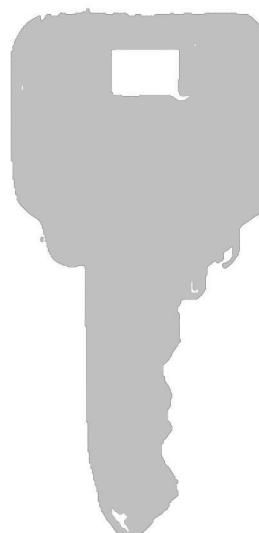
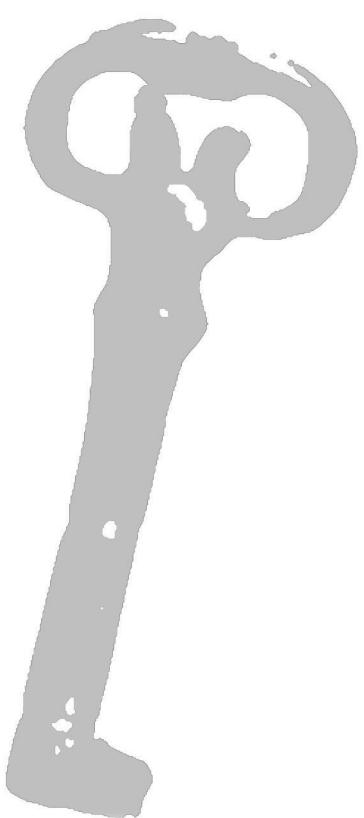
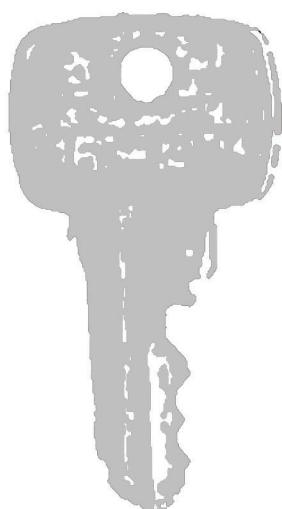
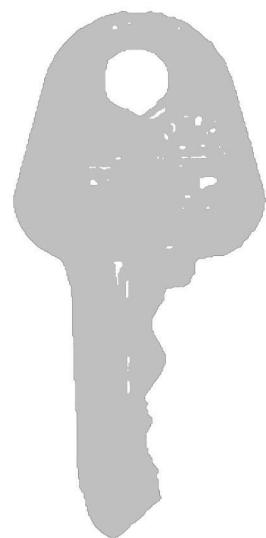
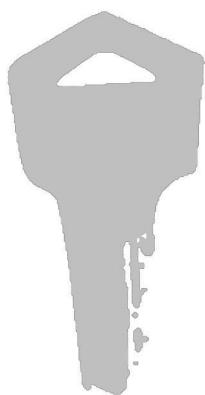
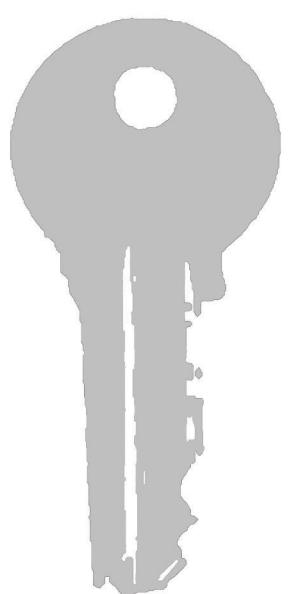
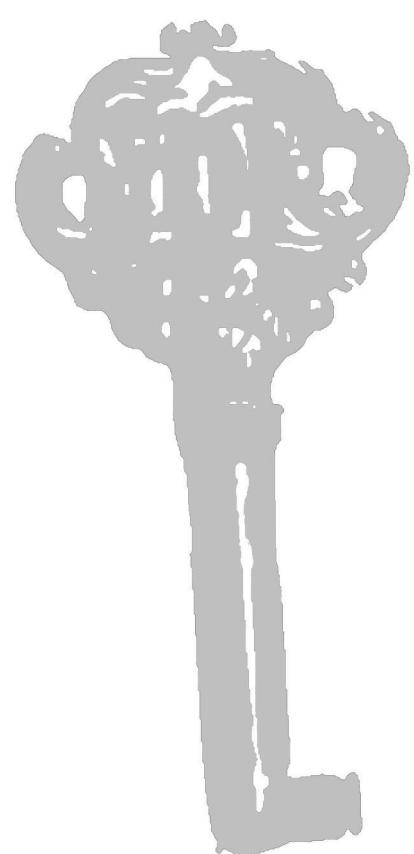
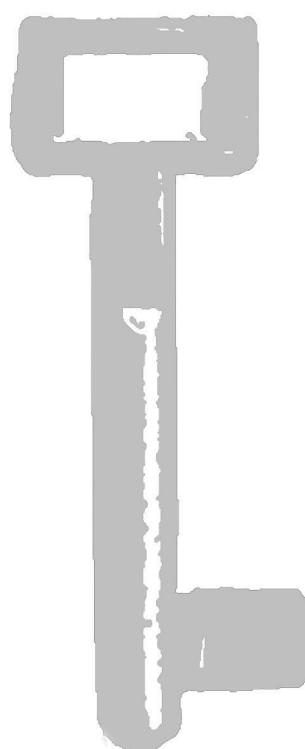
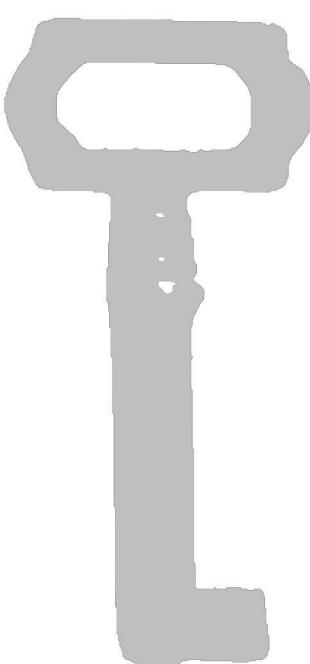
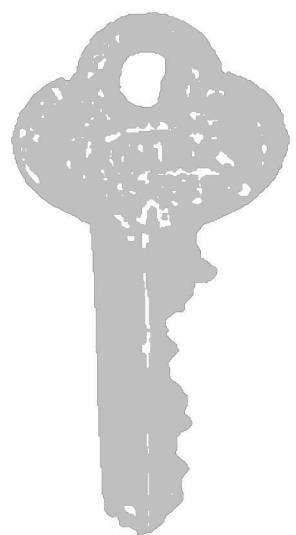
Além dos princípios técnicos visuais, imagens gráficas também são constituídas por códigos: numéricos, alfabéticos, de cores, de pixels, de sinais etc. Todos são modulares. O que as torna passíveis de serem repetidas, refeitas identicamente, sem perder a originalidade ou reorganizadas formando outras imagens.

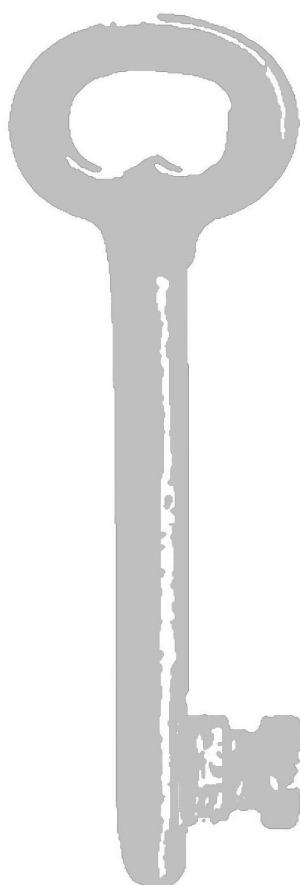
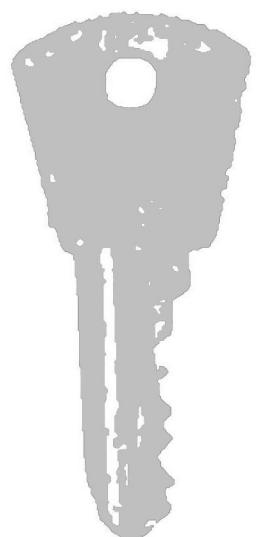
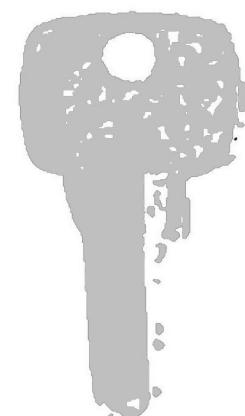
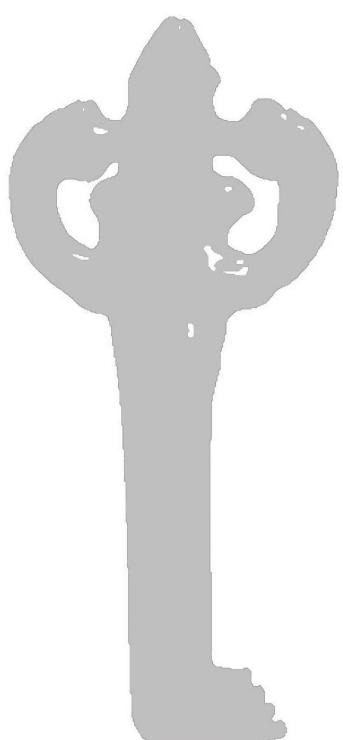
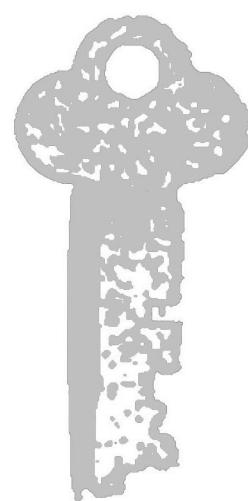
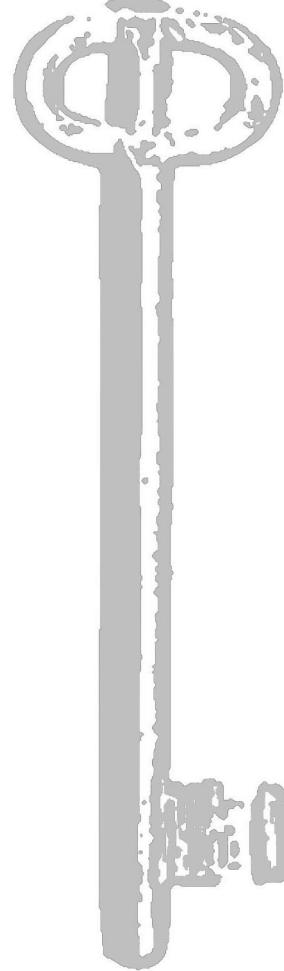
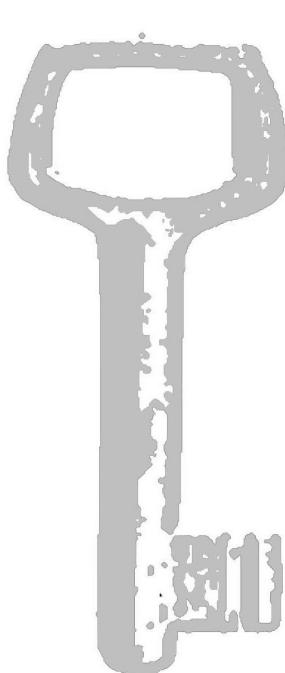
Todos os trabalhos impressos realizados no decorrer desta pesquisa seguiram os princípios técnicos visuais para construção de imagens. E seja um objeto ou uma palavra, todos são vistos como um módulo. Como explica Frutiger, *um módulo disposto de forma a compor um ornamento esconde-se como unidade e torna-se parte integrante de uma estrutura. Quase não é possível reconhecê-lo em detalhes, mas sua presença reforça a busca por seu significado, sua expressão.*⁸ Assim alguns, destes módulos reorganizados originam outros módulos compondo estruturas decorativas, semelhantes a grades de portões de casas.

8

Frutiger, Adrian. 2001 p.47







P



3. A CHAVE DO SEGREDO

“(...)A porta principal, esta é que abre
Sem fechadura e gesto.
Abre para o imenso.

Vai-me empurrando e revelando
O que não sei de mim e está nos Outros (...).”
A chave, Carlos Drummond de Andrade

3.1 Uma chave é uma chave

Uma chave, um segredo, uma cópia, uma cópia, uma cópia. Ao perdemos uma chave, logo providenciamos uma cópia idêntica a original. O objeto chave é projetado, moldado e transformado em uma fórmula-matriz que permite originar várias chaves. A partir dessas chaves originadas pela fórmula-matriz ainda é possível fazer inúmeras cópias da mesma chave. Assim a chave é uma matriz que gera uma cópia e esta cópia gera outra cópia, ou seja, a cópia, também, torna-se matriz. Forma-se um circuito infinito. Uma imagem gráfica segue semelhante processo. Ela é elaborada e pode ser transferida para uma matriz que originará várias cópias. E estas imagens cópias podem ser novamente copiadas e ou até refeitas identicamente se forem decodificadas, ou seja, se forem revelados os códigos, numéricos, o das cores, etc que a constituem; tornando-se novamente matriz. Ou seja, mesmo as cópias das imagens gráficas continuam sendo originais. A originalidade da cópia é um dos aspectos tratados por Walter Benjamin sobre a reproduzibilidade da obra no que ele diz: *que a técnica da reprodução destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma*

MAVECHAVE E COPIA CHAVE

existência serial. E na medida em que essa técnica permite a reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido⁹. O trabalho em que se apresenta um carimbo-chave é o exemplo disto. Foram feitos carimbos ora com o próprio objeto chave ora com a imagem desse objeto. Este trabalho circunscreve a trajetória da chave: matriz, cópia, cópia, matriz. Pois o carimbo imprime uma cópia e esta cópia pode ser impressa novamente. O carimbo sendo uma matriz permite a reproduzibilidade infinita da imagem da chave a qual está nele. É possível se fazer inúmeras cópias únicas e cópias em série da chave. As cópias únicas, parafraseando o que escreveu Donaldo Schuler sobre a obra *Palavras-chaves* (fig. 4) de Elida Testler: “*Cada chave tem nome, personalidade*”¹⁰ possuem características próprias, que não aparecem igualmente em outras, ou seja, possuem uma personalidade. Esta personalidade, no caso das cópias feitas por um carimbo, é originada pelo espectador ao fazer sua própria cópia da chave

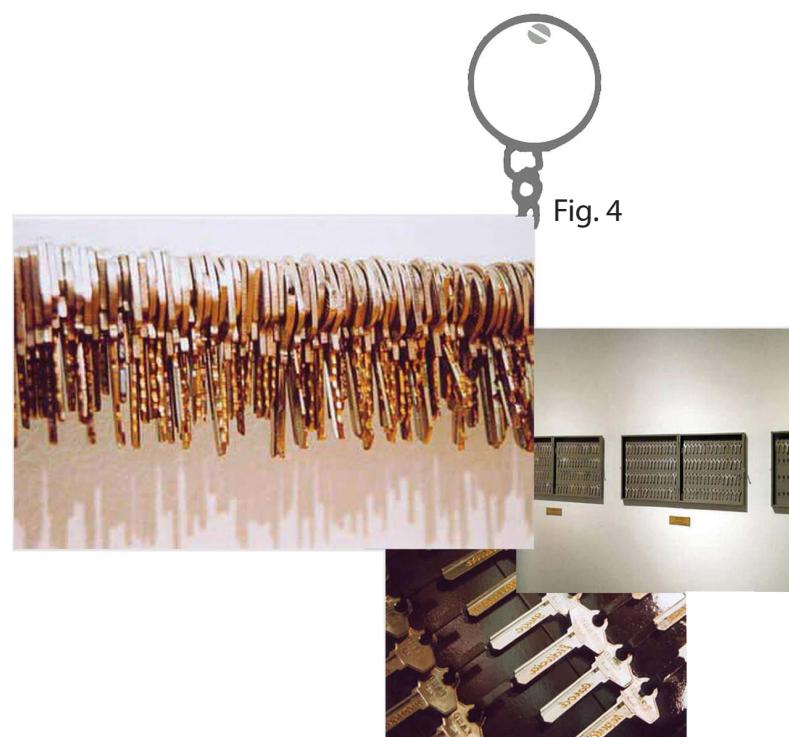


9 BENJAMIN, Walter. p.168

10 SCHULER, Donaldo. p.46

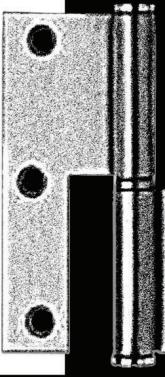
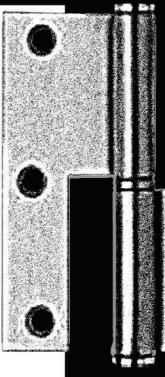
com o carimbo. Por este ato o espectador torna-se autor da própria cópia e ainda, como o dito por Benjamin, o carimbo possibilita esta cópia ser atualizada a cada momento. Ocorre aqui também uma aproximação com a obra *Talismã* (fig.5) de Paul Ramirez, pelo que ele questiona sobre o que é público e o que é privado, autoral? As cópias em série são as cópias prontas e idênticas, feitas por mecanismos de reprodução em grande escala, por exemplo, impressoras, mas, que mesmo assim não deixam de ser cópias originais.

Ao se fazer uma cópia de uma imagem codificada, esta por conter uma mensagem transportará a informação para outros lugares e receptores. A cópia da chave feita com o carimbo evi-



denciou esta situação. Sendo a imagem da chave impressa por este carimbo um código e sendo o carimbo disponibilizado à participação pública, o espectador ao fazer sua própria impressão e levá-la consigo recebe a mensagem codificada e pode distribuí-la. Pois, quando esta imagem da chave sai do lugar onde se encontrava (no caso a exposição) e chegará a outro lugar fora do seu contexto, mudará de sentido, será interpretada de outras maneiras. Ocorre aí o processo de comunicação visual, chegando-se ao circuito imagem-código-mensagem.





AO FECHAR

Todo mundo a todo momento é confrontado com códigos no dia-a-dia. Não apenas em imagens artísticas ou propagandas, mas, também em embalagens: os códigos de barra ou nos sistemas de segurança: códigos de identificação do próprio indivíduo ou nos sistemas eletrônicos de veiculação de informações: senhas ou nos códigos de linguagens: gírias. Há o sistema de símbolos musicais, o sistema numérico e alfabético, o sistema de cores, o sistema de código Morse, o sistema de código serial entre outros. Códigos já são mais do que reconhecidos. Assim, está pesquisa objetivou apenas apresentar a existência deles em imagens gráficas, utilizando-se da imagem da chave, seja do objeto real, ou da impressão da imagem do objeto, da palavra escrita ou da senha transformadas em objeto, ou da imagem produzida digitalmente com chaves. As imagens elaboradas digitalmente a partir da imagem da chave objeto seguiram os recursos técnicos característicos de elaboração de imagens gráficas: contrastes, meio-tom e módulos que formam estruturas, para tentar expor visualmente o que se tratou como código. Tanto a imagem do próprio objeto, da chave real, como as imagens elaboradas a partir da imagem dele integram um conjunto para despertar no espectador uma curiosidade, uma reflexão sobre imagens codificadas e da chave como código e como possível decodificadora de tais imagens e do código como transportador de mensagem.

REFERÊNCIAS: BIBLIOGRÁFICAS

Livros

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*/Gaston Bachelard; (tradução Antônio de Pádua Danesi; revisão Rosemary C. Abílio). São Paulo: Martins Fontes, 1993
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: GRÜNEWALD, José Lino. A idéia do cinema. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- CHEVALIER, Jean. *Dicionário de Símbolos*/Jean Chevalier 11ºed.- wz Rio de Janeiro: José Olympio, 1997
- DONDIS, Donis A.. *Sintaxe da Linguagem visual* / Donis A. Dondis; tradução Jefferson Luiz Camargo. -2 ed. - São Paulo: Martin Fontes, 1997.
- HOUAIS, Dicionário eletrônico, versão 2007
- FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado*: por uma filosofia do design e da comunicação: Vilém Flusser; organizado por Rafael Cardoso. Tradução: Raquel Abi- Sâmara São Paulo: Cosac Naify, 2007
- FRANÇA, Júnia Lessa. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*/ Júnia Lessa França, Ana Cristina de Vasconcelos; colaboração: Maria Helena de Andrade Magalhães, Stella Maris Borges.-7.ed. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

FRUTIGER, Adrian. *Sinais e símbolos*. desenho, projeto e significado/ Adrian Frutiger; tradução Karina Jannini. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia/ Manfred Lurker*, São Paulo: Martins Fontes, 1997

MAIA, Virgílio. *Ruínas Brasileiras: ferro e fogo das marcas avoengas/* Virgílio Maia-.2.ed-Cotia, sp: Ateliê Editorial, 2004

MOLES, Abraham. *Artă și ordendață / Abraham Moles*; cu colaborarea lui: Marie-Luce André; traducere de Claudia Dumitriu și Ion Pascadi - Bucuresti: Editura Meridiane, 1974

MUNARI, Bruno. *Design e comunicação visual: contribuição para uma metodologia didática/* Bruno Munari; tradução Daniel Santana. - São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PIGNATARI, Décio . *Informação, linguagem, comunicação/* Décio Pignatari. -3.ed.- Cotia, SP :Ateliê Editorial, 2008.

TESSLER, Elida: Vasos Comunicantes/curadoria: Angélica de Moraes; textos de Angélica de Moraes e Donaldo Schulter; apresentação de Marcelo Mattos Araújo.-São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2003

Artigos

CAVALCANTE, Sylvia “A porta e suas múltiplas significações”, Universidade de Fortaleza

MACARICO, Luis Filipe de Almeida Vitoria “A função antropológica da aldruba: da origem simbólica à morte funcional” 2002 Publicado na revista “Arqueologia Medieval”, numero 8, Campo Arqueológico de Memória, Afrontamento, Maio 2003

Sítios

www.biographybase.com
www.cademeusanto.com.br
www.cartoonbank.com
www.macvirtual.usp.br
www.dcc.ufcg.edu.br
www.infonet.com.br
www.procampus.com.br
www.virtual.epm.br



A chave que você me deu de
noite

A chave da porta verde
eu perdi mesmo de noite!...
mas que chave não se perde?

Trecho do poema de Ion Minulescu
Traduzido do romeno

